

## RENDAS E INTERROGAÇÕES NA OBRA DE LOBIVAR MATOS<sup>1</sup>

### LACES AND INTERROGATIONS IN THE WORK OF LOBIVAR MATOS

Susylene Dias de Araujo

Doutora em Letras

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/Unidade de Jardim

(susylene@uems.br)

**RESUMO:** Este trabalho procura apresentar *Renda de Interrogações* (1935), livro inédito e não publicado, de autoria de Lobivar Matos. A partir dessa apresentação, visa ainda divulgar a existência de outros textos, manuscritos e datiloscritos, pertencentes ao conjunto da produção lobivariana. Como proposição de um trabalho direcionado à organização do arquivo do escritor, alguns pressupostos da crítica genética são elencados como referência.

**Palavras-chave:** Lobivar Matos; Inéditos; Crítica genética

**ABSTRACT:** This work looks for to present *Laces and Interrogations* (1935), unknown and not published book, of authorship of Lobivar Matos. From this presentation, it still aims at to divulge the existence of other texts, manuscripts and typewriting sheets, pertaining to the set of the lobivariana production. Like proposal of a work directed to the organization of the archive of the writer, some estimated of the critical genetics then had been shown as reference.

**Key-words:** Lobivar Matos; Uknowns; Critical genetics

O escritor como fantasma é uma das imagens criadas por Roland Barthes para desvendar o diário íntimo do *escritor menos sua obra* (BARTHES 2003, p.91) Tal imagem me ocorre quando dou início a este artigo na tentativa de acompanhar os passos da produção do escritor Lobivar Matos (1915-1947) para vivenciar no outro algo intrinsecamente particular: a experiência. Na obsessiva apreensão da *bio*, recorro ao pensamento de Montaigne, em um de seus ensaios sobre o tema, para observar que o ato de experimentar nos deixa a consideração de que *nunca duas pessoas julgaram uma mesma coisa da mesma maneira e é impossível observarem-se duas opiniões idênticas, não só de indivíduos diferentes, mas ainda de um mesmo homem em dois momentos diversos* (1996, p. 356-57). Ainda assim, busco transformar a iniciativa autoral de Lobivar Matos em minha, e então, apresentar alguns textos inéditos e esparsos do escritor, por ele nunca publicados e organizados a partir de um novo olhar que lhe dedico por essas linhas.

---

<sup>1</sup> Este texto é uma adaptação do terceiro capítulo de minha Tese de Doutorado *A vida e a obra de Lobivar Matos: o Modernista (des) conhecido*, defendida em Julho de 2009 no Programa de pós-graduação em Letras da Universidade Estadual de Londrina, no Paraná.

Com tal exposição, pretendo traçar linhas biográficas que revelem o perfil intelectual do escritor no auge de sua produção. Os escritos em questão pertencem ao arquivo lobivariano e aqui proponho um acerto de contas para aquele que por muito tempo foi paradoxalmente lembrado como o poeta desconhecido. Conforme tenho demonstrado em algumas iniciativas acadêmicas, pretendo discutir questões relativas a Lobivar Matos e ao conjunto de sua obra, amparada pela tendência da crítica literária voltada para a crítica biográfica e aos estudos culturais, opções teóricas que auxiliam na reconstrução do trabalho do autor compreendido como um projeto que, apesar do tempo, ainda não está perdido. Através da recuperação do acervo Lobivar Matos, procuro demonstrar a importância e os efeitos de uma produção constante para a vida pessoal e intelectual de um autêntico modernista.

### **Um livro inédito**

O ano de 2006 marcou os setenta anos de *Sarobá*, segundo e último título publicado com a assinatura de Lobivar Matos. Um ano antes de *Sarobá*, em 1935, Lobivar havia escrito *Areôtorare* e estes eram os únicos títulos atribuídos ao autor como constituintes do conjunto de sua obra. O que o público e a crítica desconheciam, no entanto, é que um livro inédito, formatado pelo próprio autor, resistisse ao tempo. Em poder de membros da família Matos, *Renda de Interrogações* reúne 44 composições que evidenciam a dúvida como uma constante à biografia do artista, descrita em poesia. Dividido em quatro partes e datado de 1933, o livro apresenta poemas de um Lobivar bastante singular, se comparo os devaneios poéticos de *Renda*, com o eco dos parias e excluídos que ganham vozes em *Sarobá*, referência ao bairro de negros da Cidade de Corumbá, cenário de seu segundo livro. Do ponto de vista de um apaixonado, o poeta busca a expressão de seus sentimentos com os seguintes títulos encadeados entre as quatro partes da obra:

**Primeira Parte** – “Minha Mãe”, “A minha vida”, “Você é um poema”, “Quando você passa”, “Elevação”, “O amor é grande”, “Cativo”, “Cromo”, “De todos os poemas”, “Inspiração”, “A Rosa que você me deu”, “Originalidade”, “Eu e você”, “Canção de Amor”, “Comparação”, “Incredulidade”, “Mentira bonita”.

**Segunda Parte** – “Saudade?...de quem?...de que?...” , “Felicidade”, “Velha história”, “Beleza inútil”, “Interrogação”, “Destinos”.

**Terceira Parte**- “O Homem e a felicidade”, “Meu coração”, “Infantilidade,” “Espontaneidade”, “Pedras e Ilusões”, “Iludindo”.

**Quarta Parte**- “Poema a Campo Grande”, “O bêbado desconhecido”, “Fumaças”, “Desconforto”, “Filosofando”, “Crianças pobres do meu bairro humilde”, “Ritmo novo”, “História triste”, “Versos aos cuidados de minha avó”, “Incerteza”, “Tenho pena...”, “Se eu fosse alegre”, “Oração de minha descrença”, “Glória”, “Último verso”.

A escolha de pequenas epígrafes que apresentam cada parte do livro é também um dado curioso, pois percebo que nesta oportunidade o lirismo do poeta assume o amor como grande tema norteador do livro. Chama atenção ainda a faceta lúdica de um Lobivar que brinca com a própria identidade ao se apresentar por alguns pseudônimos que se misturam a nomes consagrados como os de Alberto de Oliveira e Olavo Bilac. Na abertura da primeira parte, Alberto de Oliveira e o desconhecido Luiz Carlos aparecem como autores dos versos que dizem:

“És somente uma sombra e és uma dor somente” (Alberto de Oliveira)

Amor  
 “Somos dois. Dás-me extremos, dou-te extremos.  
 Que mais há? Julguem-se outros mais felizes.  
 Para vencer o mar bastam dois remos. (Luiz Carlos)

O mesmo se repete na apresentação das partes seqüenciais como evidência da capacidade de síntese do poeta, pois cada epígrafe apresentada representa uma amostra dos poemas elencados. Na terceira e na quarta parte, as epígrafes servem também como dedicatórias e homenagens a alguns nomes caros às relações de amizade do poeta, conforme se lê:

Segunda Parte

“Poeta! besouro humano! Essa linguagem d’ ouro.  
 Que é o teu verso, há de ser, para muitos, na vida,  
 Um zumzum – o zumzum de um trêfego besouro! ( Castelo Branco de Almeida).

## Terceira Parte

A SEVERINO DE QUEIROZ  
e ISAC PÔVOAS

Fantasia

“- Que a dor do artista é como dor de parto:  
- Assim terrível, mas assim fecunda!...(Raul Machado).

## Quarta Parte

A RAUL MACHADO  
e PERÍ ALVES CAMPOS

Desalento

.....  
.....  
.....  
.....

Quem purificou a torpeza da terra  
Quem deixou sobre a terra uma lágrima e um verso. (Olavo Bilac)

Daqui em diante, apresento alguns períodos líricos nos quais o artista, sem máscaras, se revela. Nessa condição, percebo em Lobivar Matos o perfil do poeta que se rende aos preceitos da lírica moderna por estar *só com sua linguagem* (FRIEDRICH, 1991, p. 139). Com *Renda de Interrogações*, Lobivar duvida da própria vida e já nos versos que introduzem a obra, dirigidos à sua mãe, a homenagem conduz o poeta da modernidade *a uma dinâmica de tensão sem solução e a um mistério até para si mesmo* (FRIEDRICH, 1991, p.49).

Mãe! Minha pobre mãe! Do céu abre a janela!  
Vê teu filho, que vai tão só neste caminho,  
Fugindo à ingratidão dos homens e do mundo! (MATOS, inédito, 1933).

Eis a primeira parte da renda poética lobivariana, bordada pela subjetividade das paixões e das indagações, traçada a partir das *mãos nervosas do Destino*, (MATOS, inédito, 1933) e tecida pelo poeta que ao sintetizar a sua própria vida diz:

A minha vida é bem  
uma renda de interrogações

interrogações de todos os tamanhos...  
E que renda esquisita é a minha vida!

Por que, ó mãos nervosas do Destino,  
Trançastes em minha vida  
uma renda de interrogações?

A minha vida é bem  
uma renda de interrogações,  
interrogações de todos os tamanhos,  
interrogações....interrogações..... (MATOS, A minha vida, inédito,  
1933).

Mesmo com tantas interrogações, já nas primeiras páginas do livro, não restam dúvidas, o poeta está apaixonado, e é a mulher que o inspira para este sentimento, apesar das múltiplas faces que os poemas do livro oferecem. A musa de *Renda* é também o próprio poema:

Você é um poema esquisito  
que Deus imaginou  
e que um dia, o Diabo escreveu  
no livro de minha vida....

Você é um poema tão bonito,  
que até me faz chorar....  
Você é um poema suave, delicado,  
cheio de expressão, cheio de carícias  
que leio de manhã, releio à tarde,  
torno a ler à noite,  
acho bonito a vida inteira,  
sem compreendê-lo nunca.../ (MATOS, Você é um poema, inédito,  
1933).

Na sequência, a segunda parte do livro evoca a saudade, para que esta sensação assuma a personificação da musa que canta à janela de um enfermo coração apaixonado que interroga:

A manhã como está bonita!  
Parece até que se vestiu de branco  
e pôs um laço de fita nos cabelos:

Anda por tudo uma alegria boa,  
um suave perfume de rosa  
e um silêncio estranho envolvendo a natureza.

O vento corre, de mansinho...

Alço a vista: - e os meus olhos melancólicos  
passeiam embriagados no cenário majestoso  
daquele céu muito azul...

Agora eles mudaram de lugar...  
Estão andando sobre a relva veludosa  
daquela campina toda vestida de verde,  
de um verde-claro,  
de um verde cor de esperança.

Mas, por que meus olhos estão rasos d'água?  
Que tristeza é essa que me invade a alma?

Olho em torno de mim:  
tudo vazio, tudo deserto...  
Árvores velhas carcomidas pelo tempo,  
folhas amarelas tapetando o chão....

- De quem será essa voz tão triste  
que está cantando, baixinho...  
Será a voz da saudade?...talvez...  
Mas saudade de quem?...de que?...  
Ah! Sim, é a voz da saudade...  
Saudade daquela que esperei por longos anos  
Saudade daquela que não vem e não virá jamais.  
(MATOS, Saudade?...de quem? De que?..., inédito, 1933).

Sobre a felicidade, esta se confunde com o corpo da mulher que passa:

Um dia,  
numa esquina da Vida  
a Felicidade passou por mim  
toda vestida de branco,  
com seu corpo que era uma tentação,  
e me olhou com olhos de desejo  
e me sorriu com o seu riso de pecado...

Você passou por mim, meu amor  
assim como a Felicidade...  
(MATOS, Felicidade, inédito, 1933).

E com a mesma motivação, um amor etéreo e quase impossível faz com que Lobivar retome o mito da criação da humanidade para contar em versos a saga do homem, sinônimo de infortúnio, e da mulher, razão do bíblico pecado original. Esta é então, a terceira parte de *Renda de Interrogações* e neste episódio, o homem, criado como uma flor no jardim do céu é recolhido pelas mãos de uma mulher divina, chamada Felicidade. Na sequência, o assalto do homem pela mulher

é a cena observada pelo velho de cabelo branco, também conhecido como Destino. A mulher, por sua vez, desconsertada por sentir-se vigiada, permite que o macho flor caia no chão resultando na celeste peripécia assim resumida pelo poeta:

O Homem era uma flor no jardim do céu...

Numa tarde bonita de um sol bonito,  
 uma mulher divina, chamada Felicidade,  
 passeando no sossego e na calma do jardim celeste,  
 encontrou-a, a sorrir,  
 feliz entre as outras flores da roseira.  
 E, encantada  
 brincando disfarçada,  
 levou as suas mãos macias, veludosas,  
 para a furtar.

Mas, ó desgraça: o jardineiro,  
 um velho de cabelos brancos, o Destino,  
 assistiu a cena do furto.  
 E a felicidade, coitada, toda nervosa  
 e sem graça, com um sorriso frouxo nos lábios,  
 deixou que a flor caísse no chão.

É por isso que a felicidade vive presa lá no céu  
 e que o homem anda rolando aqui na terra.

(MATOS, inédito, 1933)

Ainda pertencente ao terceiro grupo de poemas do livro, destaco “Pedras e Ilusões”, como um instante em que o poeta alcança o tom memorialista para retomar o tempo da infância, como lembrança das pedras que recolhidas das ruas eram empilhadas no terreiro de sua casa para mais tarde serem transformadas em ilusões amontoadas pela vida. No poema, o monte de pedras frias desmanchado pelo pai do menino, dá lugar ao bloco mudo de ilusões desfeito pelo Mundo, pai do homem adulto. Nos versos finais, as pedras são frias e as ilusões são mudas conforme se lê:

Quando criança, tinha por costume,  
 ir pelas ruas apanhando pedras.  
 Depois, no terreiro de minha casa,  
 amontoava aquelas pedras...

Um dia, meu velho pai, nervoso,  
 obrigou-me a desmanchar  
 aquele montão de pedras frias...

Quando jovem, tinha por costume,  
 ir pela terra a procura de ilusões.  
 Depois, no terreiro do meu coração,  
 amontoava aquelas ilusões...

Um dia meu velho pai, o Mundo,  
 obrigou-me a desmanchar  
 aquele bloco de ilusões...

.....

Pedras – ilusões que ajuntei na minha infância!  
 Ilusões – pedras que atirei na minha juventude!. (MATOS, inédito,  
 1933).

A quarta e última parte de Renda de Interrogações inicia-se com o poema dedicado à cidade de Campo Grande, aqui já mencionado como um poema avulso publicado pela Folha da Serra. É a modernidade da jovem cidade que se abre aos olhos do errante poeta. Na sequência, o poeta desconhecido de *Areôtorare*, observa o Bêbado Desconhecido que vagueia pelas ruas sem saber ao menos se caminha na noite ou de dia. Um bêbado que no ziguezaguear segue ao léu, acompanhado pelo olhar piedoso do poeta que tomando a direção oposta, se vê nas temeridades do destino:

Noite...bairro chic...  
 Num café entre o barulho infernal  
 das vozes de homens e mulheres,  
 sentado a falar uma porção de cousas,  
 lá estava um bêbedo desconhecido,  
 um desses boêmios  
 que não sabem quando é noite ou quando é dia...

Fitei-o demoradamente  
 entre a turba agitada e indiferente...

.....

Fazendo zigue-zagues nas calçadas desertas  
 das ruas asfaltadas, silenciosas,  
 foi o bêbedo desconhecido ao léu,  
 falando...falando uma porção de cousas...  
 Os meus olhos piedosos  
 seguiram aquele tipo interessante,  
 aquele boêmio que não ama nem odeia  
 aquela figura dolorosa  
 que zigue-zagueava pelas calçadas desertas  
 das ruas frias, silenciosas...  
 Quando ele apareceu numa esquina da rua,  
 comecei a andar, olhando o céu e fui andando,  
 andando... bêbedo de dor, pensando



na irresistível força do destino.

Oh! eu tenho muito medo do Destino!  
(MATOS, O bêbedo desconhecido, inédito, 1933).

No arremate da renda o “Último Verso” dá nome ao último poema da série. Nesta oportunidade, a poesia exala sofrimento e certo sentimento niilista toma conta da dor de quem diz:

Disseram-me um dia, inda me lembro,  
que era preciso sofrer para viver.  
Então, eu resolvi deixar de lado  
a minha indiferença...a minha indiferença...  
E comecei a ver todas as cousas  
diferentemente do que elas na verdade o são.  
E comecei a sentir dores tamanhas,  
dores tamanhas que nem sei contar...  
comecei a sofrer...comecei a sofrer...  
inutilmente...inutilmente...

Hoje vejo a inutilidade do meu sofrimento,  
a inutilidade das horas que passei escrevendo  
versos que não são meus, versos que não saíram  
da serenidade de minh'alma  
versos que não falam de minha vida de boêmio,  
versos que não falam da alegria estuante,  
que espalhei pelas salas iluminadas...

Hoje vejo a inutilidade dos minutos  
que sofri por toda a humanidade;  
a inutilidade dos versos que escrevi  
pensando nos aleijados,  
envolvido nas trevas dos cegos,  
metido nos farrapos das crianças pobres,  
que enriquecem o meu bairro humilde...

Hoje vejo a inutilidade de tudo...  
porque hoje que sou assim são triste,  
e que tão triste na verdade é minha vida  
eu ando insensível pisando sobre as pedras aduncas,  
que já me não podem dar a impressão suave  
de um caminho tapetado de flores:  
hoje que os homens invejosos  
começaram a lançar pedradas sobre minha cabeça:  
hoje que tenho caudais de lágrimas nos olhos:  
hoje insensível a tudo...indiferente a tudo,  
já não sinto nada...já não sinto nada...  
Vou queimar os versos tristes que escrevi sorrindo,  
quando a vida era um sonho e o mundo um paraíso (MATOS, inédito,  
1933).

Chego então às pontas finais da Renda tecida pelas Interrogações de Lobivar Matos e uma estranha sensação de alívio me consola, pois embora enunciasse nas últimas linhas do poema acima descrito, poeta não cumpriu a promessa de queimar os poemas que compõem a obra que hoje deixa de ser inédita para receber novos leitores. Permeado pelas experiências biográficas do poeta descritas em poesia, este livro que por ora se junta ao todo da produção lobivariana, permite que o exercício da crítica biográfica, nos dizeres de Eneida Maria de Souza atenda à *necessidade de diálogo entre a teoria literária, a crítica cultural e a literatura comparada, ressaltando o poder ficcional da teoria e a força teórica inserida em toda ficção* (SOUZA, 2007, p. 113).

### Os manuscritos, os datiloscritos e as anotações do poeta

A busca pela exatidão faz dos rascunhos e das anotações uma prática recorrente a muitos escritores. Ao escrever sobre tal especificidade, Ítalo Calvino em uma de suas Seis Propostas Para o Próximo Milênio, narra o exemplo de Leonardo Da Vinci que, muito antes da apresentação da obra em sua forma de texto definitivo, recorria a uma séria de aproximações, revelando o instrumento cognitivo do processo de pesquisa (CALVINO, 2003, p. 91).

Na pretensão de ser exato, Lobivar Matos, um modernista plural, na operação com a linguagem, vê na própria linguagem o verdadeiro momento existencial da poesia (CALVINO, 2003, p. 99) .

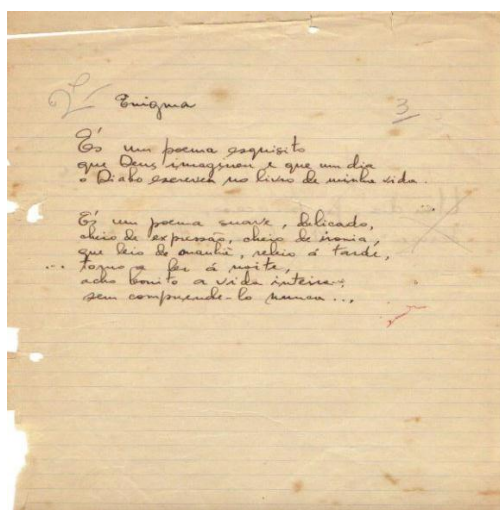
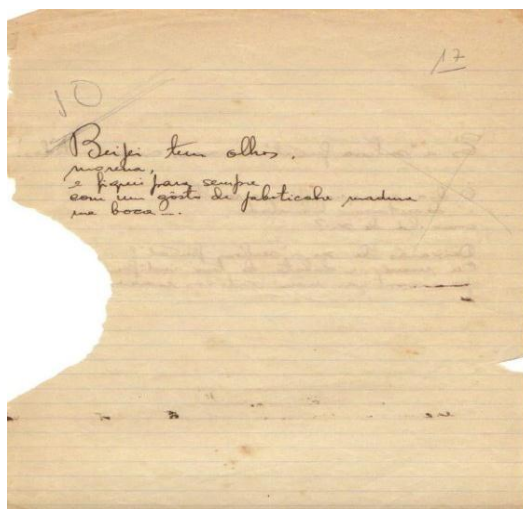


Figura 01 – Manuscrito de poema para *Renda de Interrogações*

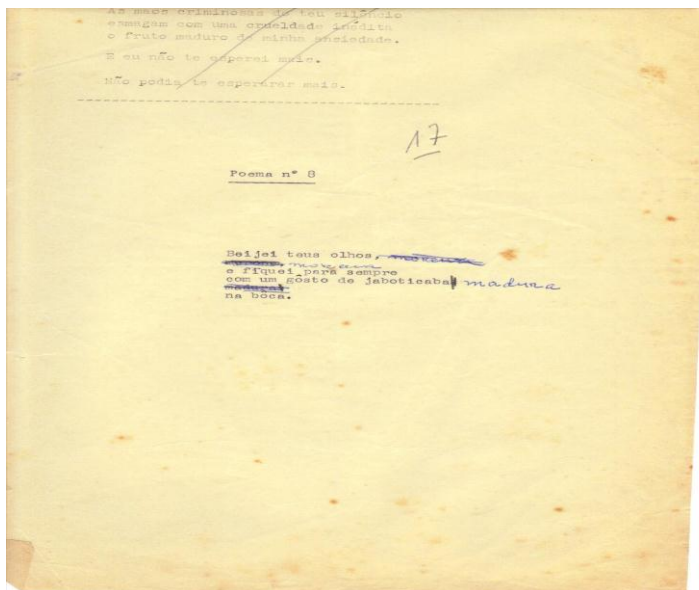
Diante da possibilidade de manusear os manuscritos deixados por Lobivar, devo registrar a contribuição do escritor com a memória cultural de sua época. Ainda que de maneira inconsciente, Lobivar deixava à posteridade um rico material para a os estudiosos da crítica genética conforme esta modalidade de estudo é definida:

(...) um novo olhar sobre a literatura. Seu objeto: os manuscritos literários, na medida em que portam o traço de uma dinâmica, a do texto em criação. Seu método: o desnudamento do corpo e do processo de escrita, acompanhado da construção de uma série de hipóteses sobre as operações escriturais. Sua intenção: a literatura como um *fazer*, como atividade, como movimento (GRÉSILLON, 1997, p. 19).

Nesse sentido, interessa-me particularmente a seleção de escritos de próprio punho retirados do acervo de Lobivar Matos ou ainda de alguns datiloscritos nos quais posso localizar a intervenção do autor, possivelmente em busca do aprimoramento do texto.



**Figura 02 – Versão em manuscrito de poema para Renda de Interrogações**



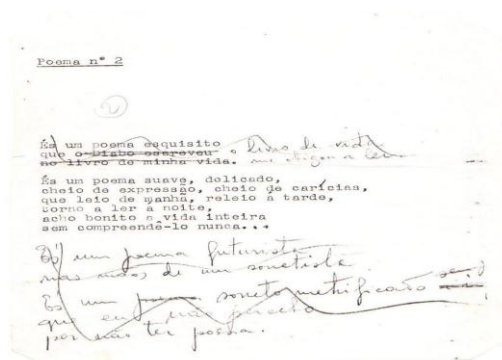
**Figura 03 – O poema da imagem anterior em datiloscrito**

A maior parte deste material, como objeto de pesquisa, tornou-se uma espécie de “material bruto” para meus estudos e na “lapidação” dos escritos, algumas hipóteses levantadas levaram-me a considerar o arquivo labirinto do autor, uma traçado de pistas que aguçam o desejo de uma comunicação íntima, na qual a aura da obra de arte revela-se:

É nessa existência única, e somente nela que se desdobra a história da obra. Essa história compreende não apenas as transformações que ela sofreu com a passagem do tempo, em sua estrutura física, como as relações de propriedade em que ela ingressou (BENJAMIN, 1994. p. 167).

Na consideração da crítica genética como literatura em *in statu nascendi*, (GRÉSILLON, 1997, p. 21) o tratamento do manuscrito faz com que a tarefa do crítico ou do geneticista esteja direcionada ao trabalho de disponibilizar documentos, que além de peças de arquivos passam à condição de matéria de uma atividade criadora: os chamados “prototextos” (GRÉSILLON, 1997, p. 29). Evidentemente, que a primeira impressão deixada pelo manuscrito é a que faz com que este documento não seja tratado como um documento diretamente direcionado ao olhar do leitor, porém, conforme destaquei, em referência à gênese daquilo que será publicado, a relação entre texto e prototexto se realiza como a complementação de um para o

outro. A escolha entre os termos coloca em jogo dois vocábulos essenciais para o tratamento dos papéis a que me disponho a observar. Rascunhos ou manuscritos?



**Figura 04 – interferência manuscrita em datiloscrito**

Para uma escolha eficaz, devo considerar que os rascunhos podem ser lembrados como produções ainda mais descartáveis do que os manuscritos que geralmente são conservados pelos próprios autores ou por colecionadores. Desta forma, daqui a diante passo a designá-los apenas sob a segunda denominação. Assim, os manuscritos de Lobivar Matos, quando tratados como objetos materiais podem ser reconhecidos como registros deixados no suporte da folha em branco, pautada ou não, revelando o despojamento do escritor para esta escolha.

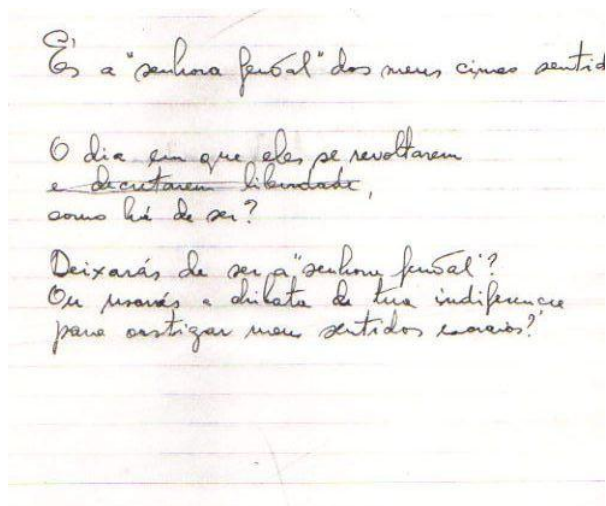


Figura 05 – manuscrito com rasuras

Alguns escritores optam por deixar a gênese do texto em suportes mais elaborados como cadernos ou cadernetas, isto sem levar em consideração o uso recorrente do computador nos dias atuais. Para Lobivar, a folha em branco parecia ser suficiente na elaboração do manuscrito e na transferência do texto para a versão em datiloscrito, versão na qual as alterações são encontradas com maior frequência. Talvez esta informação revele certa ansiedade do autor em entregar uma versão mais próxima do texto definitivo a seus editores ou ainda para levá-lo rapidamente às páginas dos jornais.

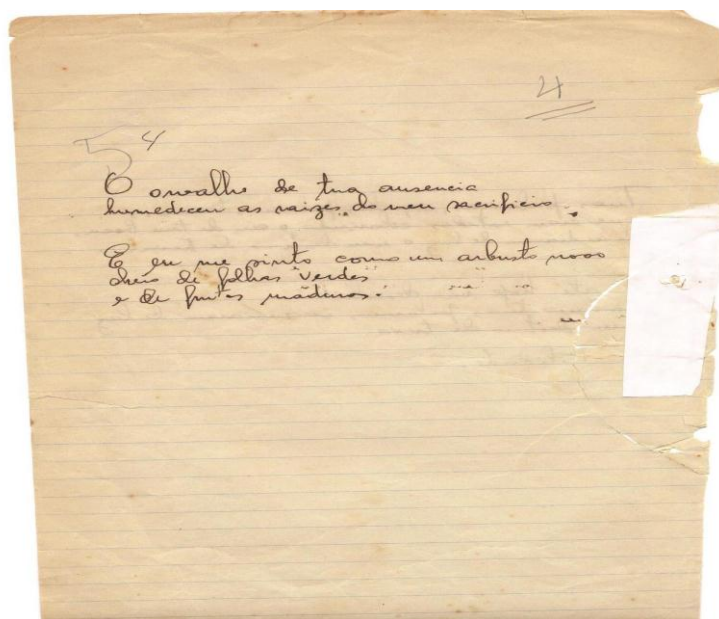
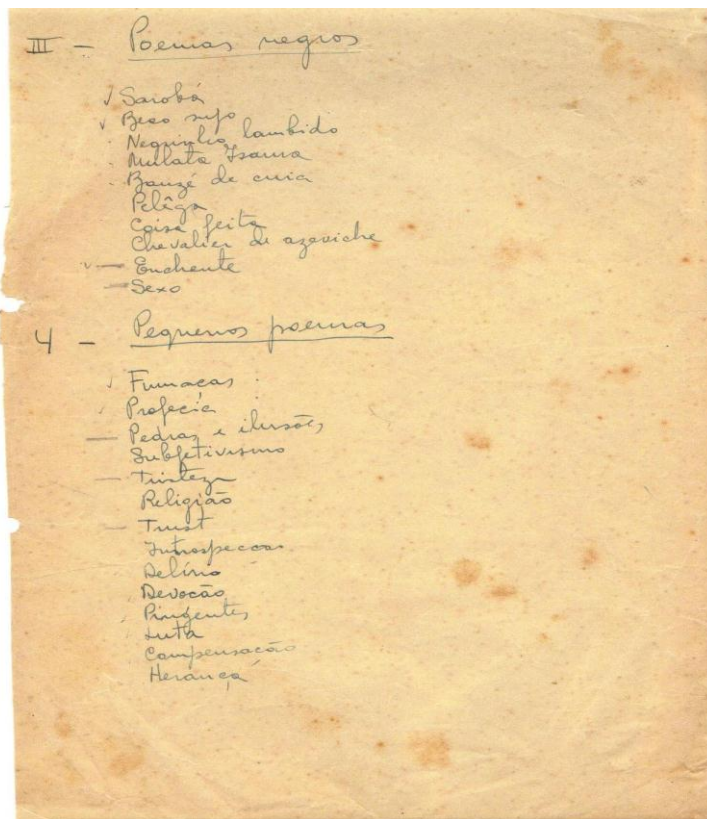
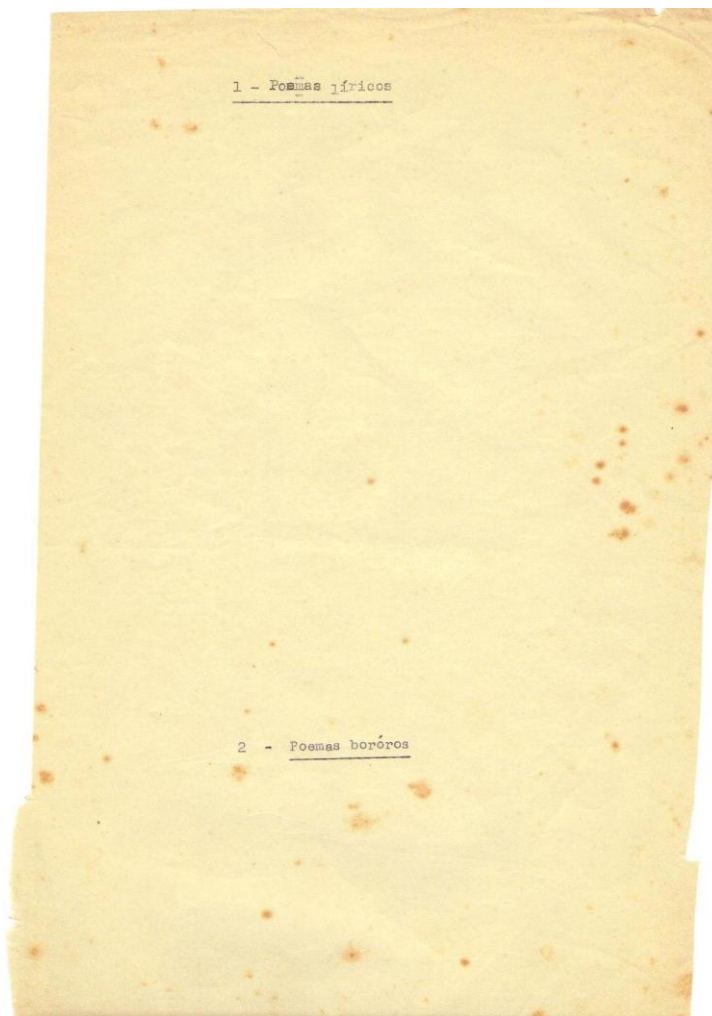


Figura 06 – Manuscrito de poema inédito

Como objeto cultural, os manuscritos de Lobivar Matos ainda não receberam o tratamento adequado. Esparsos e lacunares, estes papéis, assim como uma gama de objetos culturais de muitos artistas de Mato Grosso do Sul ainda são marginalizados à espera de um olhar crítico e não receberam o tratamento adequado à conservação da obra de arte como um valor cultural, parte do patrimônio nacional. Embora alguns avanços relacionados ao tratamento da cultura do país possam ser considerados, ainda não há garantia suficiente para que os registros da memória escrita sejam resguardados.





**Figura 07 - Organização de grupos de poemas proposta por Lobivar Matos**

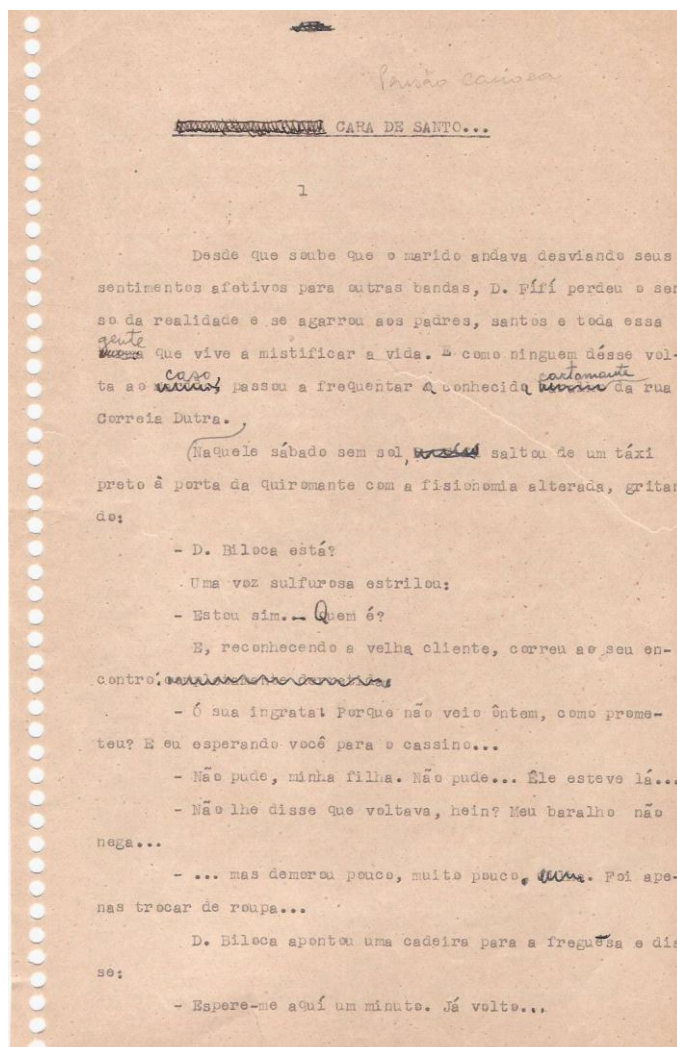
Assim, tomar o manuscrito como objeto cultural, e colocá-lo no conjunto de documentos que podem ser lidos como objeto de pesquisa para os estudos literários, seguindo os impulsos da crítica genética, é iniciativa que forma um novo objeto do conhecimento e que permite, dentro desta modalidade de interpretação, uma chave para desvendar os mecanismos do processo criativo. A respeito dos materiais que compõem a tipologia dos documentos genéticos, destaco a observação de Almuth Grésillon:

Em princípio, tudo é possível: listas de palavras, blocos de notas, notas documentárias, planos, roteiros, esboços, resumos, ensaios redacionais mais ou menos textualizados, versões textuais sucessivas, últimos ajustes, cópias autógrafas, cópias feitas por um copista, provas corrigidas e, até mesmo, edições revistas e corrigidas pela mão do autor (GRÉSSILLON, 1997, p. 134).



E assim, com a reunião do material constitui-se o dossiê genético a ser manipulado e como um novelo de lã, se desenrola. Na imagem sugerida pelo próprio Lobivar Matos, uma teia composta por palavras e interrogações vai se desfiando aos olhos do pesquisador. No que diz respeito à tipologia ou maneira de escrever, entre pulsões e programações, o pensamento estruturante de um escritor é construído de forma organizada ou processual. No primeiro caso, o autor faz da redação um trabalho ordenado e preestabelecido, o que não ocorre na opção processual, quando a invenção acontece como num lance à aventura. Lobivar Matos, pelo que posso constatar é um exemplo típico da segunda opção, pois apesar da empreitada em catalogar notas críticas sobre sua produção, o mesmo cuidado não era tomado com os manuscritos registrados em folhas avulsas, não datadas e muito pouco organizadas.

Ainda sobre a gênese dos manuscritos certa ambigüidade pode ser constatada na observação das rasuras. Entre perda e ganho, exercendo diferentes funções e apresentando-se em formas variadas, a rasura pode ser observada como um elemento de anulação do que foi escrito, e simultaneamente como revelação de vestígios pré-intencionais do escritor. Com a rasura em mãos, o crítico se vê diante do que poderia ter-se tornado texto. Para Lobivar Matos, de acordo com uma observação geral do conjunto de seus manuscritos, a rasura não é uma constante, pois a maioria demonstra a escrita de quem possivelmente já tinha tudo escrito “na cabeça” para depois debruçar-se sobre o papel. Portanto, entre rasurar e criar em avanço contínuo, Lobivar oscila entre os dois lados de uma mesma moeda, cunhada pelo inconsciente. No que diz respeito às rasuras, o conjunto dos 13 contos lobivarianos constitui-se como um excelente objeto à apreciação do estudo crítico genético.



**Figura 08 – Página inicial do conto Cara de Santo (inédito)**

Porém, este material e tudo o que pode ser considerado como parte do acervo de Lobivar carece de organização. Os manuscritos e datiloscritos, especificamente, aguardam iniciativas de constituição de um dossiê genético e nesta direção surgem alguns questionamentos sobre o acesso, a reunião, a classificação, a decifração, a leitura, a transcrição e a interpretação do material, pois ainda que os manuscritos e datiloscritos não sejam diretamente destinados à publicação, a reunião do “prototexto lobivariano” requer a definição de um estudo de gênese, capaz de considerar o dossiê como “um conjunto constituído pelos documentos escritos que podem ser atribuídos *a posteriori* a um projeto de escritura determinado, cujo fato de resultar ou não num texto publicado importa pouco” (p. 150). Infelizmente, alguns colecionadores que ignoram a diferença entre o bem cultural e o

bem material não consideram a preservação de um arquivo literário como patrimônio escrito e memória de uma nação.

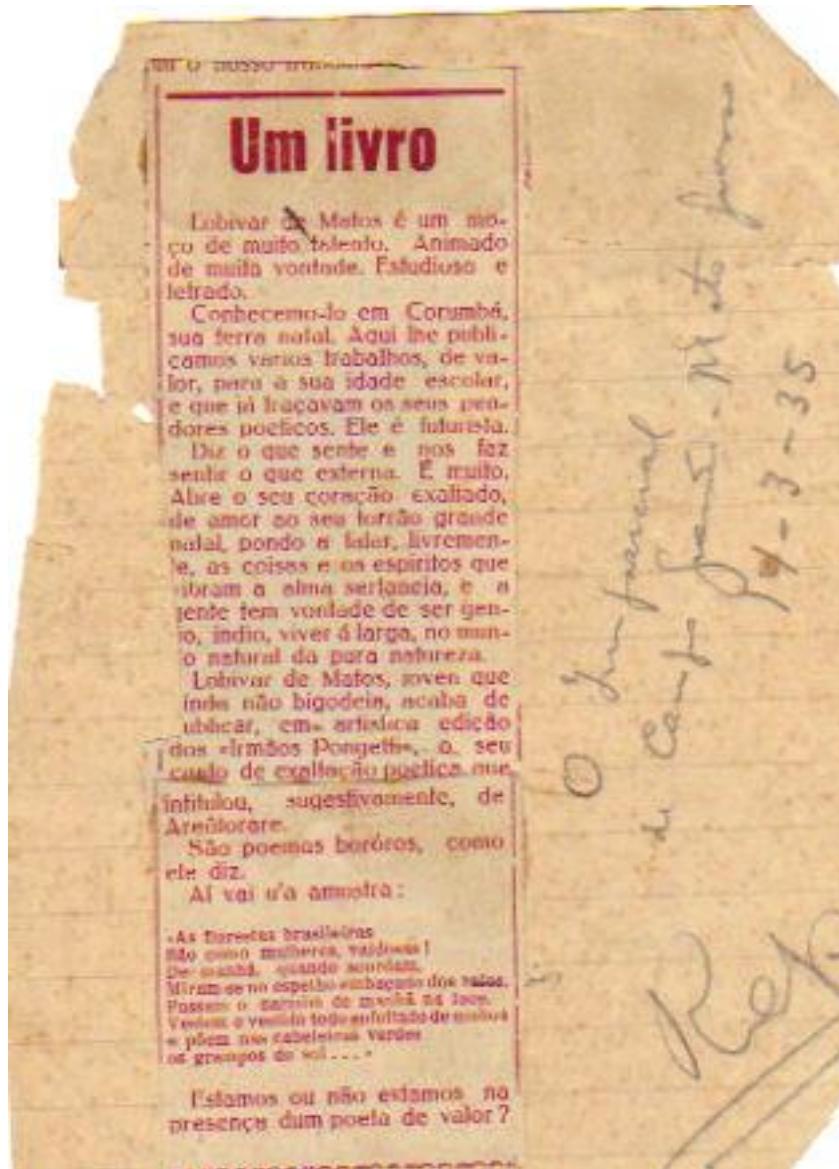


Figura 09 – Anotação manuscrita em nota publicada pela imprensa

A expectativa de desvelar, desconstruir e reconstruir as teias da criação de Lobivar Matos misturam-se à tentativa de aproximação da gênese do próprio escritor. Assim, fazer de seus manuscritos e datiloscritos objetos culturais implica em respeitar a vontade do próprio autor, pois ele, antes de todos, foi a primeiro a conservar o conjunto de seus papéis. No arremate das linhas, recorro à função derridaiana do *arconte* (DERRIDA, 2001) e entre paixão e comprometimento

considero este pequeno estudo sobre a obra lobivariana como iniciação de um trabalho maior que está por vir na reunião das obras completas do autor. Mesmo que eu me movimente em terras movediças, meus passos continuam firmes pois (...) *o crítico genético (...) ajuda o crítico do texto publicado na sua apreciação* (WILLEMART, 1999, p. 155).

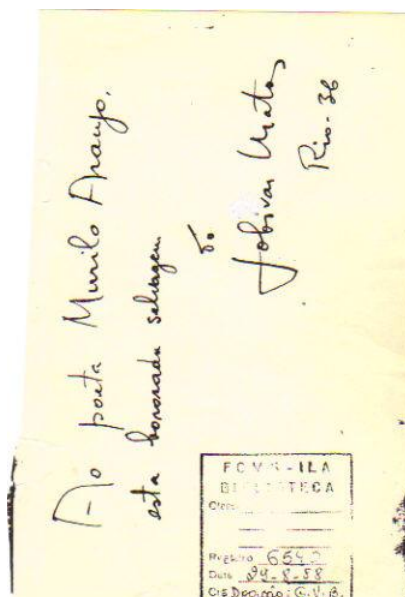


Figura 10 – Um autógrafo de Lobivar Matos

## Referências

BARTHES, R. **Roland Barthes por Roland Barthes**. São Paulo, Estação liberdade, 2003.

BENJAMIN, W. **Magia e Técnica, Arte e Política** in *Obras Escolhidas*, Volume 1. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 7a edição. 1994.

CALVINO. Í. **Seis propostas para o próximo milênio**. Trad; Ivo Barroso. Companhia das Letras, 1990.

DERRIDA. J. **Mal de arquivo**. Trad. De Claudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

FRIEDRICH, H. **Estrutura da Lírica Moderna**. Tradução de M.M. Curioni e D.F da Silva. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1997.

GRÉSILLON, A. **Elementos de crítica genética: ler os manuscritos modernos.** Tradução de Cristina de Campos Velho Birck...[ et al ]; Supervisão da tradução de Patrícia Chittoni Ramos Reuillard. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

LEJEUNE, P. **O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet.** (org.). Jovita Maria Gerheim Noronha; Tradução de Jovita Maria Gerheim Noronha & Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

MATOS, L. **Areôtorare: poemas boróros.** Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1935.73 p.

\_\_\_\_. **Sarobá.** Rio de Janeiro: Minha Livraria Editora, 1936. 98 p.

\_\_\_\_. **Cacos de vida: contos.** s/d, inédito.

\_\_\_\_. **Rendas de Interrogação.** 1933, inédito.

MONTAGNE, M. de. **Ensaio – V. //.** Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Editora Nova Cultural, 2006.

WILLEMART, P. **A pequena letra em Teoria Literária: a Literatura subvertendo as teorias de Freud, Lacan e Saussure.** São Paulo: Annablume, 1997.

\_\_\_\_. **Bastidores da criação literária.** São Paulo: Iluminuras, 1999.